

A PARÁFRASE: UMA ATIVIDADE ARGUMENTATIVA *

Nilsa Brito RIBEIRO

RESUMO *O presente trabalho, ocupando-se de textos orais produzidos no interior da universidade, estabelece como objeto de estudo os mecanismos parafrásticos, considerados como atividades de reformulação textual que atuam decisivamente como estratégias argumentativas no fazer textual. Compreendendo que a ação argumentativa é resultado de um trabalho da interação entre os interlocutores, defende-se a posição de que os mecanismos parafrásticos, ao retomarem um já-dito, não cumprem apenas a função de fixar sentidos. Nesse movimento, abrem-se sentidos, permitindo que o texto avance para uma dada direção, movido pela orientação argumentativa. Por essa via de compreensão, prevalece a defesa de que o processo de formulação textual não decorre da simples justaposição de enunciados. Os propósitos que movem os interlocutores é que determinam as escolhas de formulação e reformulação. É porque o locutor espera uma contrapalavra do outro (como defende Bakhtin) ao reformular enunciados de um jeito e não de outro, orientando o interlocutor para as conclusões desejadas. Assim sendo, a organização textual não é gratuita, mas motivada por um querer-dizer, na visão bakhtiniana do termo. O falante tem um propósito a atingir, e seu discurso é planejado na interlocução, de maneira que os recursos expressivos se organizam coesivamente em direção a esse propósito. Assim defendemos que a paráfrase é uma atividade argumentativa.*

RÉSUMÉ *Ce travail, s'occupant de textes oraux produits à l'intérieur de l'université, établit comme son objet les mécanismes paraphrastiques considérés comme activité de reformulation textuelle. Comprenant que l'action argumentative est le résultat d'un travail d'interaction entre les interlocuteurs, les mécanismes paraphrastiques, comme on l'a dit, n'accomplissent pas seulement la fonction de fixer le sens. Dans ce mouvement, des sens s'ouvrent, permettant au texte d'avancer dans une direction donnée, déterminé par l'orientation argumentative. A partir*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Lingüística, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em 05 de dezembro de 2001, sob a orientação da Prof^a Dr^a Ingedore Grunfeld Villaça Koch.

d'une telle compréhension, on soutient que le processus de formulation textuel ne découle pas de la simple juxtaposition d'énoncés. Ce sont les projets des interlocuteurs défendant leur thèse qui déterminent les choix de formulation et reformulation. C'est parce que le locuteur attend une réplique de l'autre, comme le soutient Bakhtine, qu'il décide de reformuler des énoncés d'une manière et non d'une autre, orientant l'interlocuteur vers les conclusions désirées. C'est ainsi que l'organisation textuelle n'est pas gratuite, mais motivée par un vouloir-dire, au sens bakhtinien du terme. Celui qui parle a un but à atteindre, et son discours est planifié dans l'interlocution, de manière à ce que les ressources expressives s'organisent avec cohérence en direction de ce but. Ainsi, nous soutenons que la paraphrase est une activité argumentative.

O corpus do qual selecionou-se alguns exemplos para as análises é constituído de 14 horas de gravações de textos orais, produzidos em situações de interação verbal realizadas no meio universitário (aulas, palestras, seminários, debates, reuniões e assembléias).

Para o desenvolvimento das reflexões que se procura realizar sobre o fenómeno da paráfrase, adota-se as noções básicas da teoria da argumentação desenvolvida por Ducrot (1972; 1973; 1984) segundo a qual a língua dispõe de marcas que conduzem o enunciado para uma certa direção. A retórica Aristotélica e a Nova Retórica de Perelman são retomadas neste estudo, principalmente no que se refere à noção de *topos* ou *lugares-comuns* que funcionam como depósito de argumento ao qual o locutor recorre para sustentar sua argumentação. Ressalta-se, no entanto, que toda a reflexão desenvolvida se ampara na compreensão de que os sentidos se produzem na cena interlocutiva, de modo que todo dizer se realiza em função de uma resposta que o locutor espera obter do seu interlocutor, isto é, todo dizer demanda uma *contrapalavra* do outro, como postula Bakhtin (1929) [1988].

Partindo dessa compreensão, defende-se que o fazer textual resulta de atitudes tomadas pelos interlocutores inseridos em determinadas instâncias enunciativas. Tanto locutor quanto interlocutor se vêem engajados num acordo de levar adiante a interlocução, e nesse processo, a formulação ganha fluxo. Sendo a paráfrase uma atividade de formulação textual, é possível constatar que tal recurso não constitui uma simples retomada de um enunciado anterior. As relações parafrásticas, ao retomarem um enunciado anterior, proporcionam o avanço do texto à medida que tais retomadas re-significam o dizer, ampliando-o, restringindo-o, explicitando-o, intensificando-o, etc. Nesses desdobramentos de sentidos se processa a progressão textual como marcas do movimento discursivo estabelecido entre os interlocutores e, portanto, reitera-se que a paráfrase não constitui a simples repetição de um já-dito. Como bem defende Fuchs (1982:30): *tudo a que se possa recorrer, no sentido estrito lingüístico, para estabelecer uma identidade de sentido, funciona sempre, na prática discursiva concreta, como um avanço, como um desdobramento de sentido.*

Há sempre progressão discursiva, argumentativa, jamais real repetição ou tautologia, ou simples decalque de sentido.

Enquanto atividade constitutiva do fazer textual, o movimento parafrástico se deflagra no texto para atender a uma exigência da situação de enunciação em função de um *querer-dizer*, no sentido bakhtiniano do termo, ou de um *projeto de dizer* como refere Fagundes (1995) em seus estudos sobre a paráfrase. É porque os interlocutores estão empenhados em levar adiante um fazer discursivo que uma formulação textual se apresenta mais apropriada do que outra, e por isso mesmo o texto é formulado e reformulado quantas vezes o locutor entende ser necessário para fechar a sua proposta de compreensão em relação ao seu parceiro. Por essa via de compreensão, defende-se que a paráfrase nem sempre ocorre em função de uma antecipação do locutor para resolver um possível problema de compreensão do seu interlocutor. O que se observa é que a atividade argumentativa desloca certas compreensões para outras em função de um propósito discursivo. Nesse caso, os problemas que levam à reformulação de enunciados estão vinculados ao interesse do locutor em defender sua tese. Trata-se da compreensão responsiva de que fala Bakhtin [1929] (1988:298), para quem todo dizer visa sempre a uma resposta do outro, o que revela uma atitude de influir sobre o outro para suscitar-lhe uma reação, uma réplica, seja ela para concordar ou discordar.

Nesse movimento da dinâmica interlocutiva, a formulação seria a explicitude das estratégias adotadas pelo locutor. Ainda que o interlocutor não interfira explicitamente no planejamento e realização do texto, há pressupostos e subentendidos que levam o locutor a adotar estratégias argumentativas para defender seu ponto de vista. Assim sendo, a atividade parafrástica decorre de um trabalho dos sujeitos, que envolve recursos expressivos e recursos da situação em função de um projeto de dizer.

Há de se considerar, portanto, que, de acordo com o tipo de interlocução, algumas paráfrases se apresentam mais marcadas argumentativamente, outras mais negociadoras, justamente porque há instâncias enunciativas que determinam um certo gênero discursivo e este, por sua vez, exige estratégias argumentativas que impõem restrições marcadas na língua. No desenvolvimento deste estudo, foi possível constatar como determinados gêneros como aulas, palestras, debates, etc., requerem estratégias argumentativas distintas e estas, conseqüentemente, impõem diferentes restrições marcadas na língua.

Por isso mesmo cada situação enunciativa exige formulações textuais diferenciadas, de modo que a organização textual não é gratuita. O falante/escritor tem um propósito a atingir, e seu texto é planejado na atividade de interlocução para alcançar esse propósito. Em função disso, o texto contém, na sua constituição de atividade formulativa, o caráter imperioso da reformulação.

O texto a seguir exemplifica como as paráfrases atuam argumentativamente no dizer, construindo a tessitura textual, a textualidade:

L1- porque é o seguinte...a questão... é:...

a gente não pode... achar ruim...

o questionamento do que é original...

M¹
P

porque não existe o original...

existe UM momento original...

e é muito bom que a gente vá buscando é:...

puxar uma coisa daqui outra dali

porque se não a gente vai (es) ta (r) no vazio sozinho

e não se pode desvincular ARte do contexto...

por... eu... eu questiono isso...

M
P/M

toda ARte pra mim ela deve ser engajada

senão ela não vale de nada...

NÃO VAle...

P

arte pela arte é uma coisa que todos nós devemos questionar...

e não é ruim...é e não é ruim o questionamento...

o que é o original?...

o original pra mim é o marco zero...

M
P/M
P/M
P

é a primeira inspiração...

é o momento LUZ...

é a LUZ...

e uma vez que:... é:..... eu questioneei isso

com professores... tal ... é:...

a discussão que pintou é o seguinte...

não existe o original...

¹ De acordo com Hilgert (1989), chamamos de *enunciado de origem* ou matriz (M), o enunciado reformulado, e o enunciado reformulador, por sua vez, refere-se à paráfrase (P). M (matriz) e P (paráfrase) maiúsculas, à esquerda do traço, representam enunciados de dimensão maior do que a unidade conversacional ou igual a ela; m e p minúsculas, á direita do traço, representam uma relação parafrástica entre segmentos, no interior do enunciado.

não existe o original

porque mesmo Gonçalves Dias...

quando ele publiCOU e escreveu seus versos... ele...

ele não foi original...

Por quê?... porque ele buscou a inspiração em outra obra...

M
P
m ele foi original no seu texto...né?...

p no desenvolvimento do seu texto... tá?

mas ele buscou... puxar alguma coisa de outras escolas...

e isso não é ruim gente...

isso não é ruim se a gente vê TODas as coisas uma vinculada à outra...

m agora se a gente quer a literatura **soZINHA...**

p/m sem compromisso...

p sem nada...

Aí nós temos que questionar o original...

aí nós temos que questionar...

agora se a gente quer uma literatura e uma arte engajada (s)

que tenha(m) compromisso como milhares e milhares

que a gente vem estudando...

aí... aí nós vamos entender o que é original e o que não é...

(SI8, F1B, Mb)²

M
P
Em se tratando das condições de produção imediatas, o texto acima foi produzido numa sala de aula de um curso de Letras onde ocorria um seminário de Literatura. Todo o texto se estrutura em torno da tese de que não existe arte original. Trata-se de uma réplica, explicitamente formulada, a um dizer anterior, cujo locutor defendia a existência da originalidade na arte. Nesse sentido, todo o arranjo

² Indicações que correspondem a: situação de interação (SI), número de ordem da SI, número da fita (F), lado (A ou B) e cidade, no caso, Marabá (Mb).

parafrástico com que o locutor tece o seu dizer constitui contraposição a outro dizer anteriormente formulado e ao mesmo tempo remete a um dizer futuro. É Bakhtin também quem nos diz que os enunciados não estão ligados apenas aos enunciados que os antecedem, mas a enunciados futuros, já que todo enunciado, desde o seu início, elabora-se sempre em função do outro, ou seja, pressupõe sempre uma reação do interlocutor. Daí é possível afirmar que todo dizer constitui uma cadeia infinita de enunciados. As paráfrases são recursos expressivos que refletem muito bem esse movimento de recorrência a um já dito, ao mesmo tempo em que se lançam ao encontro de enunciados posteriores. Nesse movimento de avanços e recuos, identifica-se a afirmação de Bakhtin [1952-1953] (1992:319) de que o locutor não é um Adão bíblico que fala de um objeto pela primeira vez:

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear.

Assim, L1 inicia seu texto introduzindo o enunciado: *a gente não pode achar ruim... o questionamento do que é original... porque não existe o original...* E, em seguida, explicita a sua posição com o enunciado parafrástico: *existe UM momento original.* A ênfase no determinante *um* constitui mais um recurso para indicar o lugar específico para onde se deve dirigir o olhar do interlocutor. Em outras palavras, ao retomar o enunciado de origem, o enunciado parafrástico orienta-se argumentativamente para a conclusão de que nenhuma obra de arte é definitivamente original.

Em seguida, o locutor expressa o que de fato considera como mais importante para a arte: *e não se pode desvincular ARTE do contexto...* É nesse ponto que o locutor procura estabelecer o acordo com o seu interlocutor e reformula argumentativamente o seu dizer: *toda arte pra mim tem que ser engajada; Arte pela arte é uma coisa que todos nós devemos questionar...* Esta é, para ele, a verdadeira arte, caso contrário, *ela não vale de nada... NÃO VALE.* Note-se que aqui a paráfrase se assenta no topos retórico da qualidade. Como bem explicita Perelman (1996), o topos da qualidade, contrariamente ao da quantidade, aparece na argumentação quando se opõe ao número, fazendo prevalecer a qualidade. Trata-se de um valor de ordem superior, não comparável, chegando-se ao limite da valorização do único, do singular. Essa valorização do único também se explicita nos enunciados: *o original pra mim é o marco zero... é a primeira inspiração... é o momento LUZ... é a LUZ...* Pelo recurso parafrástico, o locutor vai dando novas âncoras e restringido o sentido do que seja original. Perelman diz que *o valor do único pode exprimir-se por sua oposição ao comum, ao corriqueiro, ao vulgar.* Assim, arte, para ter seu devido valor, precisa ser engajada. É o que a distingue de outros tipos de arte. É isso que a torna preciosa, para o locutor. Então o lugar onde o locutor busca fundamentar a sua

posição é o lugar da qualidade, pelo que ele considera como mais valioso na arte: o seu grau de engajamento e não a originalidade em si. E assim, todos os enunciados que se seguem remetem para o fato de que não existe arte original, e, por isso mesmo, deve-se questionar o que seja original.

Observa-se, recursos prosódicos atuando com a formulação parafrástica dos enunciados acima, isto é, a tessitura que se apresenta relativamente baixa na matriz, principalmente na expressão intercalada *para mim*, vai se tornando mais alta, nas paráfrases. Cagliari (2000:07) afirma que o *uso mais comum da tessitura é encontrado em palavras ou expressões intercaladas, as quais são pronunciadas com uma tessitura mais baixa...* Tal procedimento se verifica no enunciado reformulado: *o original para mim é o marco zero...* A intercalação (*para mim*) funciona como uma atenuação do que se afirma, isto é, o locutor não assume o que diz como verdade absoluta; no entanto, é no mecanismo parafrástico que evidencia maior força argumentativa, isto é, maior engajamento com o dizer: *é a primeira inspiração... é o momento LUZ... é a LUZ.*

Desse modo, tanto pela organização lingüística quanto pelo fenômeno paralingüístico (tessitura), o locutor organiza seu argumento gradativamente. Nesse sentido, o último enunciado da escala se apresenta como argumento mais “forte”, fechando sentidos em *luz*.

Cada estratégia argumentativa construída pela paráfrase, vai estreitando, cada vez mais, relações de sentido com a conclusão para onde o locutor pretende encaminhar sentidos. Assim, a palavra *luz*, no ápice da escala, traduz uma estratégia de ajustar significações, e verifica-se que tal escolha de organização lexical é mais determinante no encaminhamento de significações pretendidas.

O enunciado: *porque mesmo Gonçalves Dias (...) ele não foi original...* funciona como o “acabamento” do jogo argumentativo. O movimento discursivo orienta para a conclusão de que, se Gonçalves Dias não foi original, então, não há mesmo produção artística original, constituindo-se como argumento mais forte da escala argumentativa. Dentre todos, funciona como o melhor exemplo para comprovar que não existe arte original. A reformulação do enunciado por *mas ele buscou... puxar alguma coisa de outras escolas*, é a reafirmação definitiva da não originalidade na obra de Gonçalves Dias e, por conseguinte, na arte de modo geral.

E, para reforçar o acordo com o ouvinte sobre o que o locutor considera como mais importante na arte, ele reintroduz o tema da arte engajada, desencadeando mecanismos parafrásticos sucessivos: *agora se agente quer a literatura soZlnha... sem compromisso... sem nada...*

Vale ressaltar que nesse encadeamento parafrástico, os recursos prosódicos também atuam fortemente na construção de sentido. Ao construir o argumento de que não se produz arte no ostracismo, o locutor organiza seu discurso pelo emprego de seqüências parafrásticas de segmentos lexicais, combinando com o arranjo parafrástico a gradação melódica descendente; isto é, o que ocorre é a passagem de um tom mais forte para um mais fraco.

Esse jogo harmônico entre organização lingüística e processos paralingüísticos contribui para reforçar o argumento de que arte descomprometida não é arte. A propósito dessa observação, assinala-se que a palavra *soZinha*, do enunciado reformulado, vem marcada pela ênfase prosódica, ao passo que, à medida que tal segmento vai sendo parafraseado por *sem compromisso*, *sem nada*, a tessitura vai se tornando cada vez mais fraca. Nesse caso, a tessitura acompanha os sentidos que movimentam os argumentos, isto é, concorre com a organização lexical para esvaziar significações, ou pelo menos para referir um tipo de arte desprovido de valor.

Enfim, esse é um jogo que o locutor adota para mostrar ao ouvinte que a arte assim encarada (sozinha, sem compromisso, sem nada) merece ser questionada, ao passo que *...uma literatura e uma arte engajada(s) que tenha (m) compromisso como milhares e milhares que a gente vem estudando*, remetem para o que o locutor compreende e quer levar o outro a compreender como arte original. Mais uma vez os argumentos se esteiam no lugar da qualidade, conferindo originalidade e unicidade somente à arte engajada. Tudo o mais que não se enquadra nesse tipo de arte, ou seja, é oposto ao único, ao original, é desprovido de valor.

Esse e demais exemplos apresentados neste trabalho nos leva a dizer que as paráfrases, ao retomarem um enunciado, vão tecendo argumentativamente o texto, fazendo com que os sentidos caminhem para uma conclusão global. As retomadas não cumprem o simples desejo de fixar sentidos. Nesse movimento, novos sentidos se põem na organização do dizer movidos pela orientação argumentativa que dá continuidade ao texto.

Além do recurso prosódico, constatou-se que as paráfrases quase sempre se apresentam associadas a vários outros recursos expressivos para desenvolverem a atividade argumentativa. Por exemplo, identificou-se, em muitas passagens do corpus analisado, a atuação da paráfrase ao lado de operadores modais, revelando níveis de engajamento do locutor com o seu dizer. Nesse caso, denominou-se **paráfrase modalizadora**. Destacam-se ainda outras atividades parafrásticas que se valem de muitos outros recursos expressivos para garantir a força argumentativa, tais como: **paráfrase intensificadora**, **paráfrase gradativa**, **paráfrase referenciadora**, **paráfrase explicativa**, **paráfrase explicitadora** e **paráfrase exemplificadora**.

Verificou-se em várias passagens do nosso *corpus* que, além de repousarem na hierarquia de valores, as paráfrases insistem tanto no topos da qualidade quanto no topos da quantidade, refletindo um mecanismo de reforçar a ação argumentativa.

É certo que as paráfrases não se esgotam nessa classificação aqui apresentada, apenas destacaram-se aqueles tipos que se apresentaram mais marcados, para nós, o que já nos possibilita comprovar a nossa tese de que a paráfrase atua fortemente na progressão argumentativa do texto de acordo com os eventos discursivos em que se encontram inseridos os interlocutores. Nesse sentido, o papel da paráfrase na organização textual é muito mais do que estabelecer uma relação biunívoca entre

dois enunciados. No percurso parafrástico é quase impossível que não haja deslizos, deslocamentos de sentidos para mais ou para menos, ainda que o propósito seja o de fixar sentidos.

BIBLIOGRAFIA

- ANSCOMBRE, J-C. e DUCROT, O . [1976] (1983). *L'argumentation dans la langue*. Bruxelas: Pierre Margada Editor.
- ARISTÓTELES. (1998). *Retórica*. Livro I. Trad. de Manoel Alexandre Júnior e outros. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- BAKHTIN, M. [1929] (1988). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Trad. Brasileira. São Paulo: Editora Hucitec.
- _____. [1952-1953] (1992). "Gêneros do Discurso" in *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, D.L.P. (1993). "Procedimentos de Reformulação: A Correção" in Pretti, D. *Análises de Textos Oraís*. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP.
- BENVENISTE, E .[1966] (1995) *Problèmes de Linguistique Générale I*. Trad. Bras., SP: Campinas: Pontes.
- _____. [1981] (1989). *Problèmes de Linguistique Générale II*. Trad. Bras., Campinas, SP: Pontes.
- CHAROLLES, M. (1986). *La Gestion des Orientations Argumentatives dans une Activité Rédactionnelle*. Pratiques, n° 49, pp. 87-99, Paris.
- CHAROLLES, M. & COLTIER, D. (1986). *Le Controle de la Compréhension dans une Activité Rédactionnelle: Eléments pour l'Analyse des Reformulations Paraphrastiques* in Pratiques, n° 40, pp. 51-99, Paris.
- DUCROT, O. [1972] (1977). *Dizer e não Dizer: Princípios de Semântica Lingüística*. São Paulo: Cultrix.
- _____. [1984] (1987). *O dizer e o dito*. Campinas, SP: Pontes.
- FAGUNDES, V de O. (1995). *A Espada de Dâmocles da Justiça: O Discurso do Júri*. Tese de Doutorado-UNICAMP/IEL.
- FUCHS, C. (1982a). *La Paraphrase*. Paris: Press Universitaires de France.
- _____. (1982b). *La Paraphrase entre la Langue et le Discours*. Langue française, 53.
- _____. (1985). *A paráfrase Lingüística: Equivalência, Sinonímia ou Reformulação* in Cadernos de Estudos lingüísticos, n° 08, UNICAMP/IEL. Trad. João Wanderley Geraldi.
- GERALDI, J.W. (1981). "Tópico-Comentário e Orientação Argumentativa" in *Sobre a Estruturação do Discurso*. UNICAMP/IEL.
- _____. (1991). *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- GÜLICH, E. (1990). *Por une Etnomethodologie linguistique: Discription de séquences Conversationnelles Explicatives* in Dausend-schön-Gay/Gülich/Kraft (éds.) 325-364.

- _____. (1992). *Procédés de Reformulation et "Travail Conversationnel": Eléments d'Une Théorie des Processus de la production Discursive*. Actes du XX Congrès International de Linguistique et Philologie romanes. Universidade de Zurich.
- HILGERT, J.G. (1989). *A paráfrase: Um Procedimento de Constituição do Diálogo*. Tese de Doutorado.
- KOCH, I.G.V. (1992). *Inter-ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto.
- _____. (1984). *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez.
- _____. (1996). "Aspectos do Processamento do Fluxo de Informação no Discurso Oral Dialogado" in Castilho, A. T. (org.). *Gramática do português falado*, vol I: A ordem, pág. 143-181. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- KOCH, I.G.V. & Souza e Silva. 1996. "Atividades de Composição do Texto Falado: A Elocução Formal" in Castilho A T. & Basílio, M. (orgs.) *Gramática do português falado*, vol. IV: Estudos descritivos, pp. 379-391. SP: Campinas: Editora da UNICAMP.
- MARCUSCHI, L.A. (1983). *Linguística de Texto: Como É e Como se Faz*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Série Debates 1.
- _____. (1991). *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.
- _____. (1995). *Oralidade e Escrita*. Apresentado no II Encontro Franco-Brasileiro de Ensino de língua. UFRN, Natal (mimeo).
- _____. (1996). *Curso de Filosofia da Linguagem, aula 5 sobre "Os Sofistas"*, mimeo.
- _____. (1996). *A Repetição na Língua Falada como Estratégia de Formulação Textual*. in Koch, I. G. V. (org.). *Gramática do português falado*, vol VI: Desenvolvimentos, pp. 95-129. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- _____. (2000b). *Fala e Escrita na Grade dos Gêneros Textuais*. Trabalho apresentado na XVIII Jornada de Estudos lingüísticos, Salvador: Universidade Federal da Bahia-UFBA, (mimeo)
- PERELMAN, C. & Olbrechts-Tyteca, L.[1979] (1996). *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes. Bruxelas: Éditions de Bruxelles .
- ROMUALDO, J.A.(1995). *Lugar-Comum: Espaço da Repetição e da Criação*. Tese de Doutorado- UNICAMP/IEL.
- VOGT, C. (1977). *O intervalo Semântico*. São Paulo: Ática.